



O que une e o que sep



Há que recuperar o tempo perdido e concentrarmos, de vez, com persistência e continuidade, no que é essencial: superar o atraso estrutural que limita a competitividade, compromete o crescimento e impede a consolidação sustentável das finanças públicas

António Costa, discurso de propositura no Porto

Ambos são sociais-democratas. Ambos têm uma visão federalista da Separar os métodos de trabalho e atitudes culturais. A Costa elogia

Crise no PS São José Almeida

Na luta pela liderança do PS que se desenrola entre o secretário-geral, António José Seguro, e o seu desafiante, António Costa, o que está realmente em causa não é uma clivagem no plano programático e muito menos de nível ideológico. “É absolutamente essencial perceber que não está em causa uma re-fundação programática do PS, nem uma ruptura de valores, nem uma redefinição ideológica”, explica, ao PÚBLICO, Porfírio Silva, militante do partido que está a trabalhar na moção de António Costa.

Este filósofo e investigador do Instituto de Ciências e Robótica que foi candidato a secretário-geral da JS nos anos 80 do século XX, assume mesmo em relação ao que será a proposta de António Costa para o país: “Mesmo em termos de governação, não poderemos romper com o que está; o António tem noção e tem demonstrado na sua actuação que sabe e defende a continuidade. Vivemos tempos em que não é permitido uma solução qualquer que rompa.”

Se nada parece dividir programática e ideologicamente Seguro e Costa, o que é facto é que ambos têm estilos diferentes dentro do PS. Na sua forma discreta de actuar, na sua apetência para se interessar pelos meandros da organização e do aparelho partidário, na sua atitude de preocupação social, se bem que não se assuma como católico, Seguro faz lembrar a escola de António Guterres. Já Costa assume-se como um político de debate e de confronto directo, mais na linha da escola que é a sua, a de Jorge Sampaio, e também numa tradição anterior: a do líder-fundador Mário Soares, que agora o apoia.

Diferença de estilo...

Assumindo que há uma diferença de estilos, Porfírio Silva esclarece: “O que está em causa é uma questão de ambição e método. Um líder tem de ser capaz de mobilizar as forças que estão no sistema e outras que não estão”. E, prosseguindo, defende: “Hoje, as pessoas querem discutir, é preciso dar outra activação à cidadania, o PS pode fazer isso”.

O responsável pela moção de Costa considera que “a questão é a de saber como o PS consegue colocar-se como a força capaz de agregar”, acrescentando que, para o conseguir, a “proposta tem que ser mais ambiciosa e alargada”.

Surge como consensual a ideia de que não há separação político-ideológica entre os dois. João Vargas, politólogo da Universidade de Aveiro e membro do gabinete de Seguro, é peremptório a afirmar: “Não existem entre os dois grandes diferenças. Podem divergir, sim, sobre como se faz política e como deve funcionar um partido.”

Estas diferenças poderão passar, segundo Vargas, pelo modo como entendem a cidadania e a relação dos partidos com a sociedade. “Em relação à cidadania, Seguro tem dito que a 25 de Maio os portugueses demonstraram o desinteresse nos partidos, com abstenção e voto em Marinho e Pinto. Acresce que em 2004 os índices de confiança dos portugueses na política eram de 25% e agora são de 8%. Seguro sempre disse que queria fazer política perto das pessoas e as primárias são a resposta a isso.”

Igualmente José Carlos Zorrinho, actual eurodeputado e coordenador do grupo parlamentar europeu, assim como responsável pelo Laboratório de Ideias e Propostas para Portugal (LIPP) e coordenador das conferências *Novo Rumo*, corrobora: “Concordo que são iguais. Mas faço um ponto de reserva: não sei se António Costa vai ser uma surpresa e vai trazer novas ideias e diferentes.”

Por agora, sublinha que “muitas das pessoas que estão com Costa colaboraram no LIPP e no *Novo Rumo*”. Por exemplo, “Maria Manuel Leitão Marques, que faz a Agenda para a Próxima Década, de Costa, trabalhou no *Novo Rumo*”. E olhando para o percurso de ambos, acrescenta: “Em boa verdade, mesmo quando fui membro do secretariado nacional com os dois, na liderança de António Guterres, nunca senti diferenças entre eles.” E precisa que com Costa só se cruzou desde então, quando ia “a Conselho de Ministros de José Sócrates como responsável pela Estratégia de Lisboa”.

Zorrinho prossegue frisando que a única diferença que estabe-

lece entre ambos é que “Seguro é mais concretizador e Costa mais teorizador” e, voltando a lembrar o passado, afirma: “Quando Guterres publicou o documento *A Nossa Via* - antes de Tony Blair, na altura chegámos a reivindicar a ‘Terceira Via’ -, nessa altura, em que nos posicionámos perante a globalização e iniciámos relações com Bill Clinton, não vi diferença entre os dois.”

... e de cultura

Já José Manuel dos Santos, antigo assessor dos Presidentes da República Ramalho Eanes, Mário Soares e Jorge Sampaio, que é um dos principais conselheiros de António Costa, acrescenta: “Há programas comuns, mas a mesma partitura cantada pela Maria Callas ou por Natália Carvalho é diferente; depende do talento de quem canta.”

José Manuel dos Santos opta por frisar que há, no entanto, diferenças entre ambos que interferem na sua atitude perante a política e na relação com os cidadãos. “Independentemente das propostas, Costa tem um discurso mais nítido e afirmativo do que é a social-democracia e dos seus valores. E é a partir dessa nitidez que está disponível para a negociação, para fazer consensos e pactos. É esta nitidez que está na base da sua ideia de que é com um bom resultado que se negocia melhor, de que o PS precisa de uma maioria absoluta para negociar acordos de governação.”

O antigo assessor presidencial sublinha mesmo que, “embora Costa não seja radical nem extremista, há nele a afirmação mais clara do que é e do que deve ser o PS, na fidelidade ao que são os seus grandes e permanentes valores”. E explica, estabelecendo a diferença entre os dois adversários pela liderança: “Costa, culturalmente, é de esquerda. Pela cultura, pelo ambiente familiar, tem uma cultura de esquerda. Há no seu discurso, no comportamento e na atitude, sinais de uma cultura de esquerda. No Seguro não há sinais de cultura de esquerda; tem um discurso mais neutro, que leva as pessoas a pensar que é menos denso e menos profundo.”

É o perfil cultural de esquerda que leva Costa a ser partidário de um regresso do primado da política, que tem estado subjugada aos



Para Costa de Seguro

União Europeia. Ambos defendem o Modelo Social Europeu. O método, a Seguro a coerência. Ambos querem ser líderes do PS

ditames da economia e da tecnocracia. “No fundo, Costa acha que tem de haver uma política europeia de esquerda com a mesma capacidade de afirmação com que a direita tem conseguido afirmar e pôr em prática a sua política”, explica José Manuel dos Santos.

E é esse perfil cultural de esquerda que, segundo o antigo assessor presidencial, levou Costa a rejeitar a diminuição do número de deputados de 230 para 180, que é proposta por Seguro. “Costa explicou que não se pode administrativamente reduzir os partidos à esquerda do PS, há que fazer esse combate politicamente”, afirma José Manuel dos Santos, para quem foi também por uma questão de cultura política de esquerda que Costa elogiou dois anteriores primeiros-ministros do PS.

“Costa citou José Sócrates e António Guterres. Várias pessoas podem ter achado que não lhe traz vantagens. No entanto, Costa considera que assumir a história do partido é uma obrigação, um dever. É preciso reconhecer que quer o impulso reformista do primeiro Governo de Sócrates, quer as políticas de desenvolvimento social de Guterres são um património de que o partido se deve orgulhar e recuperar. Há aqui uma afirmação ideológica e política, sobre a tática mediática e eleitoral.”

O método de Costa

Por sua vez, Porfírio Silva insiste em salientar aquilo que vê como o método de António Costa. “O que é muito característico em António Costa é o método, a sua capacidade de identificar o problema e de fazer um debate público estruturado, ouvindo técnicos, estudando e debatendo com tempo e de forma alargada.” E, a título de exemplo, lembra que esse método “foi visível na forma como ele resolveu a reforma administrativa em Lisboa.”

Porfírio Silva defende ainda que Costa tem condições de usar esse método em novas funções. “As pessoas têm a mania de que ele só percebe de política interna, mas ele não pensou a Europa apenas no tempo que foi eurodeputado, está no Comité das Regiões, onde é considerado e intervém”, diz o apoiante de Costa, advertindo con-

tudo: “Ele não tem nenhuma arma secreta na manga, a Europa é um método negocial contínuo. Costa tem procurado mostrar que o euro tem efeitos assimétricos nos povos que têm de ser corrigidos, até porque não é justo que uma empresa portuguesa tenha mais dificuldade em encontrar financiamento e pague juros mais altos do que uma empresa alemã”.

Salientando a necessidade de o PS relançar a discussão sobre a União Europeia, Porfírio Silva sublinha: “A crise mudou o debate sobre a Europa. Hoje há uma dúvida sobre o que se está a fazer na Europa, para que serve a Europa. Há um consenso demasiado simplista, há que levar a discussão mais fundo.”

Sobre o futuro da União Europeia, Zorrinho considera que não há divergência entre Seguro e Costa. Ainda que haja “agora uma pequena minoria do PS que está contra o Tratado Orçamental e que apoia Costa, isso não significa nada. Temos todos a mesma opinião de que o tratado é mau e de que o mudaremos quando pudermos”, conclui.

A coerência de Seguro

Mas se Costa tem método, Seguro tem coerência. João Vargas considera mesmo que essa é “uma das maiores qualidades” do secretário-geral. “Sobre a questão europeia, por exemplo, o que António Costa disse [na sua declaração de propositura] no Porto é o que Seguro diz, as grandes questões sobre a Europa são as mesmas em Costa e Seguro”. E explica: “A coerência de Seguro é que ele dizia em 2011 o mesmo que agora em relação ao papel mais activo do Banco Central Europeu. E pediu mais tempo para a dívida e a sua renegociação em 2011. Basta ler as moções de 2011 e 2013. Ele dizia isso nas reuniões dos líderes europeus. Os seus pares europeus reconhecem o pensamento político de Seguro.”

João Vargas acrescenta que também Seguro defende que “a União Europeia tem de ter poder sobre o BCE; já nas crónicas que publicou no *Expresso* defendia muito bem as questões europeias e o primado da política sobre a economia.” Para concluir: “Seguro é radical nas questões do Modelo Social Europeu e que elas têm que estar mais pre-

sentes e serem relevantes na União Europeia. Seguro é mais à esquerda do que outros líderes socialistas na Europa”.

Abordando o que é o corpo doutrinário da social-democracia, João Vargas também não vê diferenças entre Seguro e Costa. Apontando exemplos, lembra que Seguro “tem dito que a crise faz aumentar o fosso entre ricos e pobres e não se pode deixar ninguém para trás”. Princípios que estão “plasmados nas conferências *Novo Rumo*, onde os temas mais trabalhados são as áreas da justiça social, da segurança social e da protecção social.” E precisa: “Tivemos conferências dedicadas a essas questões, onde foi importante a participação de apoiantes de Costa, como Pedro Marques, e personalidades de fora do partido, como o académico Carlos Farinha Rodrigues.”

Também Zorrinho considera que “Seguro é um social-democrata puro, não teve sequer interesse pelo neoliberalismo, nem tem apelo pela social-democracia nacionalista, nem pelo socialismo em velocidade de Renzi”. E frisa que o actual secretário-geral “é um social-democrata profundo, que acredita nos valores da justiça e da tolerância”. Como demonstração disso, diz que no *Contrato de Confiança*, o qual reúne 80 medidas para a governação, “está incluído o princípio do acesso de um cidadão a uma vida com dignidade e de que há mínimos de cidadania e de Estado social para todos, que deve ser garantido com um mínimo de rendimento”.

O eurodeputado explica ainda que Seguro “não é um político mediático, não diz o que as pessoas querem ouvir, só diz o que pode”. Como traço distintivo de Seguro, Zorrinho aponta: “Aquilo que é a marca central de Seguro é o seu perfil ético. Não é mediático porque é muito ético. É a sua matriz, junto com o rigor e a solidez de pensamento, estuda tudo.” Acrescenta que Seguro “não quer propor nada sem estudar, sem fazer as contas, não propõe nem permite que se aprove nada que não se possa fazer”. E remata: “Há uma corrente política que diz que as boas histórias podem mudar a realidade, mas, para ele, se não reflectir a realidade, não é história.”



O principal desafio estratégico com o qual Portugal vai estar confrontado nos próximos anos é o de conseguir fazer a transição para um novo modelo de desenvolvimento sustentável, mais inteligente e ‘verde’, mantendo a coesão social e superando um fosso económico, social e territorial que divide o país e que tem vindo a agravar-se com a crise

António José Seguro, *Contrato de Confiança*





Costa coloca pressão nas distritais para decidirem sobre congresso

A comissão nacional do PS debate este domingo a realização de um congresso e de eleições directas para líder, mas o assunto pode ficar adiado, à espera das distritais

Crise no PS Margarida Gomes

O PS reúne hoje, em Ermesinde, a sua comissão nacional (CN) num clima de grande tensão interna. O incidente de sexta-feira na distrital de Braga, que aprovou por uma esmagadora maioria a realização de eleições directas e de congresso extraordinário, evidencia o momento de críspação que o partido respira. Braga é o distrito por onde António José Seguro foi cabeça de lista em dois mandatos, mas desta vez está ao lado de Costa.

O presidente da Câmara de Lisboa vai à reunião sem ter ainda conseguido a maioria das federações e dos militantes, mas respaldado no apoio de peso de muitas figuras socialistas, entre eles alguns ex-secretários-gerais. Mário Soares, Ferro Rodrigues e José Sócrates já manifestaram o apoio a Costa, reclamando uma resolução rápida, como forma de evitar maiores danos nesta querela interna entre “seguristas” e “costistas”.

O presidente da Câmara de Lisboa sabe que vai ser difícil fazer vingar a sua proposta, porque António José Seguro se mantém irredutível na realização de primários a 28 de Setembro, mas também sabe que tem ainda pela frente outras oportunidades para chegar à liderança do partido.

Neste momento, das 11 federações que se reuniram, Costa conta com oito do seu lado (Açores, Algarve, FAUL, Braga, Castelo Branco, Évora, Portalegre e Vila Real), que aprovaram a convocação de um congresso extraordinário antecedido de directas para a eleição do secretário-geral. As outras três (Beja, Setúbal e Viseu) estão em total sintonia com a estratégia de António José Seguro.

As federações de Aveiro, Bragança, Coimbra, Guarda, Leiria, Madeira, Porto, FRO (Federação Regional do Oeste), Santarém e Viana do Castelo ainda não se reuniram e sobre estas recai agora uma enorme pressão.

Mas há uma grande dinâmica à volta da candidatura de Costa. A votação de ontem da comissão regional dos Açores foi esmagadora. Os militantes aprovaram por unanimidade uma deliberação a propor aos órgãos nacionais a realização de directas e de um congresso extraordinário. A moção manifesta também o apoio



A convocação de um congresso extraordinário do PS deverá estar hoje em discussão em Ermesinde

a Costa para a liderança do partido.

A proposta, que será apresentada hoje à CN solicita a convocação de um congresso “o mais rapidamente possível, antecedido de eleições directas, de forma a que seja possível ao PS nacional rapidamente ultrapassar esta fase que vive neste momento e concentrar-se naquilo que é essencial: soluções para os portugueses e soluções para o país”, declarou o líder regional dos socialistas açoriano, Vasco Cordeiro.

A necessidade de combater o “caminho do empobrecimento, do desinvestimento e da austeridade” que o país segue justifica a “urgente e imprescindível” realização de um congresso, sustenta a moção, aprovada pelos 47 membros da comissão regional presentes na reunião, na Praia da Vitória.

Para que isso aconteça é condição essencial que o PS esteja devidamen-

te orientado para a construção de uma solução de governo, dotado de uma liderança carismática e agregadora da participação política, dentro e fora das fronteiras partidárias”, frisa a moção, concluindo que Costa personifica o melhor programa alternativo para o país. “Essa alternativa, essa confiança e essa esperança são particularmente visíveis no projecto liderado [por Costa]”, sublinha-se na moção proposta pelo sucessor de Carlos César, um dos impulsionadores da candidatura.

Costa conta com o apoio de muitas concelhias. Das mais de 60 concelhias que se reuniram todas votaram favoravelmente a pretensão do autarca de Lisboa. A distrital do Porto ainda não se reuniu para discutir a proposta de António Costa, mas a concelhia, liderada por Manuel Pizarro, aprovou (34 votos a favor e 12 contra) uma deliberação a propor

aos órgãos nacionais do partido a realização de eleições directas e de um congresso extraordinário.

Apoiante de Costa, Manuel Pizarro está preocupado com o clima instalado no partido e pensa que “se calhar a melhor estratégia” seria “trabalhar para as primárias”. “Não vale a pena alimentar este confronto”, afirmou em declarações ao PÚBLICO.

“Se o debate continuar neste tom crispado, o PS sofrerá sequelas muito grandes.” E dispara na direcção de Seguro: “Isto que a direcção do PS está a fazer põe em causa princípios basilares como a tolerância.” E acrescenta: “O PS é um partido de homens e mulheres livres.” Do seu ponto de vista, “há uma tentativa inédita de condicionamento das pessoas no sentido de abdicarem da sua liberdade de pensamento em nome de um julgamento moral que não tem lugar nesta história”.

Ao PÚBLICO Pizarro lamenta “os sinais das últimas semanas com o nível de quase insulto pessoal [dos] adeptos do secretário-geral, com ausência de diálogo efectivo sobre as regras da realização das primárias, um péssimo sinal [a fazer] temer o pior”.

Pode ainda não ser desta vez que Costa consiga fazer vingar a sua tese, mas o presidente da Câmara de Lisboa já disse que está disponível para todos os combates para chegar à liderança do PS.

Resta saber o que é que a presidente do partido, Maria de Belém Roseira, vai fazer. Se usa o parecer que solicitou à comissão nacional de jurisdição e que se pronunciou contra a realização de directas e de um congresso extraordinário, por entender que violam os estatutos, ou se o mantém na gaveta, uma vez que não é vinculativo. **com Tolentino de Nóbrega**

